CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD
9 e 25 de março de 2023

THEY MIGHT BE GIANTS / 1971
(*Encontro Marcado*)

Um filme de Anthony Harvey

Realização: Anthony Harvey / *Argumento*: James Goldman, baseado numa peça da sua autoria / *Montagem*: Jerry Greenberg / *Direção de Fotografia*: Victor J. Kemper / *Música*: John Barry / *Produção*: John Foreman / *Associação de Produção*: Frank Caffey / *Interpretações*: George C. Scott (Justin), Joanne Woodward (Watson), Jack Gilford (Peabody), Lester Rawlins (Blevins), Al Lewis (Messenger), rue McClanahan (Daisy), Ron Weyand (Dr. Strauss), Oliver Clark (Mr. Small), Theresa Merritt (Peggy), Jenny Egan (Miss Finch), F. Murray Abraham (Clyde) / *Cópia*: Digital, a cores, falado em inglês, com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 91 minutos / *Estreia Mundial*: 9 de junho de 1971, Estado Unidos / *Estreia Nacional*: 1 de junho de 1972 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

***

Ao terceiro filme, o inglês Anthony Harvey deu descanso a uma certa visão amarga da vida e das relações humanas como aquela que pontuara os seus filmes anteriores, rendendo-se à mais improvável lição de vida e de amor. Porque "o coração tem razões que a razão desconhece", a psiquiatra interpretada por Joanne Woodward acaba por aprender a sorrir de novo graças à companhia do paciente mais idiossincrático com quem se cruzou em toda a sua carreira (nem será tão-pouco mais um interessante "paranoico clássico", como enuncia ao início). E sem tempo para mais nada a não ser estudar a psique humana, procurando decifrar alguns dos seus segredos, não se pode dizer que a Dra. Watson seja dada a distracções desta ou de qualquer outra ordem nesse seu ensejo que visa curar todo o tipo de doenças mentais: "Curar-te-ei mesmo que isso me mate" – é, de facto, séria a devoção de Watson à sua profissão. Ora, neste caso, o ex-juiz encarnado por George C. Scott, Justin, veio virar o feitiço contra o feiticeiro, fazendo com que a (sua) doença, de facto, cure a indisponibilidade dessa *workaholic* para viver a vida intensamente, mesmo que o segredo, para ingressar nesta aventura que muito pouco cientificamente podemos também apelidar de amorosa, esteja em "seguir a pista da loucura".

A Dra. Watson torna-se não a médica mas a "natural" assistente – de facto, o seu nome já assim o pré-determinava, como logo perceberemos – desse paciente que acredita ser uma personagem ficcional conhecida em todo o mundo: nada mais, nada menos que a famosa criação de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes. E este Holmes de carne e osso vivendo em Nova Iorque não descansará até encontrar o seu *nemesis*, o elusivo Professor Moriarty. A deliciosa personagem de Scott representa para a Dra. Watson um caso singular de alguém, vistas bem as coisas, que se esconde do mundo real com o fito não tanto de localizar o ineludível Professor Moriarty mas de preservar a alegria de estar vivo, encarando o dia-a-dia como uma aventura de criança. O inebriamento causado por Justin/Holmes, rodeado que está por um irmão oportunista e enfrentando perigos, faz tanto sentido para Watson como faz para o espectador – a progressiva

"naturalização" da narrativa "do louco" no tecido da história nunca nos distrai da realidade destas personagens. O aspeto mais duro da vida está presente na solidão, à qual responde um mais ou menos secreto desejo de aventura e de amor, da racionalíssima médica, face a um homem cuja loucura, e talvez o pecado, seja o de resolver o pior crime de todos: a nossa incapacidade de querermos aceder a outras dimensões da experiência, assumindo a ficção como o lugar para a nossa salvação. Anthony Harvey termina o filme com um momento quase felliniano em que praticamente todas as (boas) personagens "dão as mãos", solidarizando-se com "o louco" que persegue a sua quimera, qual Dom Quixote combatendo gigantes no lugar dos moinhos. Como diz uma enfermeira no filme, "Oxalá os maluquinhos vençam" – uma expectativa que resume bem tudo aquilo em que se torna a aventura desta *sui generis* versão de Holmes & Watson.

A história de **They Might be Giants** foi baseada num argumento (e numa peça) de James Goldman, reeditando-se, deste modo, uma colaboração de sucesso, iniciada em **The Lion in Winter** (1968), com Katharine Hepburn, Peter O'Toole e Anthony Hopkins, sendo que a primeira obra de Anthony Harvey havia sido uma adaptação crua de um texto dramático de Amiri Baraka, **The Dutchman** (1966), com uma interpretação impressionante de Shirley Knight. Relações humanas deslaçadas e consumidas pela ganância ou pela intolerância racial – era isto que Harvey nos mostrava nas duas primeiras obras que assinou como realizador, mas já antes, na qualidade de montador, ao serviço de Stanley Kubrick (**Lolita** [1962] e **Dr. Strangelove** [1964]), havia suportado uma visão tétrica da vida.

O movimento deste pequeno e frágil filme, que começa imbuído de um registo de comédia ligeira mas que termina numa terna afirmação do amor face-a-face com manifestações assaz contemporâneas de cinismo e de desencanto, representa uma espécie de contra-campo da mundivisão patenteada por aquelas obras. Quer dizer, o mundo continua a ser um lugar estranho e repleto de ameaças, mas agora há esperança e depositamo-la num dos mais improváveis casais que o cinema americano nos deu a conhecer: uma Joanne Woodward encontrando a cura na doença mental, quase quinze anos depois do filme que a consagrou nos Óscares, **The Three Faces of Eve** (1957), obra datada sobre os distúrbios de personalidade de uma dona-de-casa aparentemente pouco singular, e um George C. Scott abrindo caminho ao "estranho amor" mediante um tipo novo de paranoia muito, mesmo muito pós-kubrickiana. Aquela paranoia que nos confere capacidade para resolvermos as nossas faltas enquanto elementos desta família em dissolução chamada humanidade. "O crime" para este Holmes – e para esta Watson – investigarem resulta, no fundo, do facto de estarmos todos demasiado deslaçados e alheados como comunidade. E de confiarmos pouco em *saídas* inesperadas. Harvey parece acreditar nelas e, no fim, faz-nos acreditar um pouco também.

Luís Mendonça